**A LEITURA E A ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DE EDUCAÇÃO BÁSICA**

Fransuilma Lima Cavalcante.

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN. [suilma.lima@bol.com](mailto:suilma.lima@bol.com)

Autora

Maria da Conceição Silva

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN

[ceiçaobarreto123@gmail.com](mailto:ceiçaobarreto123@gmail.com)

Coautora

Rosane Fainny de Oliveira Medeiros

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte-UERN. [rosanefainny@hotmail.com](mailto:rosanefainny@hotmail.com)

Coautora

Simone Cabral.

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN. [simone.cms@hotmail.com](mailto:simone.cms@hotmail.com)

Coautora

**RESUMO**

Este artigo objetiva refletir sobre a prática pedagógica dos professores referente a leitura a escrita e à produção textual na educação básica da Escola Municipal “7 de Setembro”, da cidade de são Francisco do Oeste-RN, tendo como referência o projeto didático-pedagógico intitulado de “Ler, conviver e aprender”, realizado no ano de 2016. Assim sendo, propomos discutir e relacionar a experiência desenvolvida *in loco* com o que entendemos, concebemos sobre as práticas de leitura, escrita, produções textuais vigentes nas escolas brasileiras. Para tanto, referenciamos em Libâneo (1994), Freire (1995), Mussalin & Bentes (2005), Vygotsky (1988), Barbosa (2003), dentre outros teóricos de renome na área, que possam ajudar no escopo teórico-metodológico da pesquisa Por fim, este *lócus* foi decisivo para que compreendêssemos o fenômeno da leitura e da escrita enquanto práticas inovadoras, transformadores do pensar o ensino na educação básica, enquanto significativa e interlocutora da interação linguística num *continuum* discursivo sempre.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura. Escrita. Ensino. Aprendizagem.

**I INTRODUÇÃO**

A política de leitura e de escrita vêm sendo discutidas nos diversos segmentos da educação brasileira, destacando-se a sua relevância dela para a aquisição do conhecimento científico, da cultura, do saber sistematizado, bem como e da conscientização política, em face dos desafios do mundo moderno.

Dessa forma, o saber ler tornou-se, pois, a condição indispensável para o acesso a qualquer área do conhecimento, e, mais ainda, a própria vida do ser humano, uma vez que a leitura apresenta função utilitária e transformadora da sociedade vigente, assim como a escrita que é uma consequência da leitura no nosso ver conceitual e teórico.

Nesse artigo, objetivaremos descrever a experiência exitosa do projeto de leitura e escrita desenvolvido na Escola Municipal “7 de Setembro”, na cidade de São Francisco do Oeste - RN, no período de 21 de abril a 23 de novembro de 2016, realizado pelos professores da referida instância escolar do 1º ao 9º ano, sendo com alunos da faixa etária de 7 a 16 anos. Para tanto, contou com a participação maciça de quinhentos e quinze alunos do Ensino Fundamental da referida escola supracitada de ensino.

Neste sentido, o projeto intitulado de “Ler, conviver e aprender”, abordou o conteúdo da leitura e da escrita neste *in loco*, visando assim estimular nos alunos o processo de leitura e escrita permanentes, considerando as modalidades dela, da escrita e a oralidade, consoante às reflexões críticas de como tais práticas educativas materializam nas salas de aula da referida escola campo do projeto, além de promover políticas de letramentos não silenciadas.

Dessa forma, este artigo foi uma exigência do curso de Pedagogia, do Programa – PARFOR, do Campus Avançado Professora “Maria Elisa de Albuquerque Maia”, CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN, consoante ao relato de experiência desenvolvida na educação básica, da supracitada escola, cidade, com vista à produção do artigo científico para o X Fórum Internacional de pedagogia. FIPED, 2018.

Portanto, este artigo não dará resposta imediatista sobre a leitura e escrita na escola campo do projeto, porém mostrará, descritivamente, como estão as políticas de leitura e de escrita neste *habitat*, além de tentar responder inquietações superficiais no que tange à utilização e recepção dos sujeitos aprendizes de lá, haja vista fazer menção a uma experiência inicial do curso, no ano, ainda, de 2016.

**II DISCUSSÃO TEÓRICA**

A leitura e escrita devem ser práticas norteadoras do processo ensino-aprendizagem da Educação Básica, isto é, devem ser o fio desencadeador da mudança no ensino, mas será que todos pensam assim? Veem com prática críticas e não monótonas.

Assim, a escola tem que fazer muito para incorporar olhares voltados à transformação das práticas inovadoras de leitura e escrita, transpondo assim os conceitos, que sejam modernos, inovadores, de maneira que o professor não seja mais o centro do processo ensino-aprendizagem, porém um mediador, conciliador do processo interativo no ensino.

Nesse sentido, cairá por terra nessa pedagogia linguística, o conceito da cópia, de transcrição mecânica dos “significantes” impressos (SAUSSURE, 1999), em função da enunciação e interação entre os sujeitos aprendizes, mediante novas alternativas didático-pedagógicas pautadas na realidade sócio/econômica dos sujeitos assistidos. Sobre concepção pedagógica, ensino, Libâneo (1994, p. 29) reforça que:

O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos habilidades, atitudes e convicções. Este é o objeto da Didática.

Conforme o autor, a relação ensino-aprendizagem não pode limitar à polarização entre professor e aluno, pelo contrário deverá tornar-se um espaço de troca conjunta, organizado em função do crescimento coletivo de ambos os protagonistas do processo, de maneira que haja interação, socialização e aprendizagem múltiplas entre todos os envolvidos.

Assim, neste contexto social, discursivo, a leitura não pode ser vista separadamente da escrita, mas em conjunto, pois ambas abrangem capacidades, que são adquiridas no processo de alfabetização. Logo, uma criança que não lê bem, consequentemente, apresentará dificuldades na escrita. Dessa forma, a aprendizagem de linguagem escrita está associada ao contato com que as crianças, constantemente, em suas vivências mantêm, fazendo com que elas possam construir sua capacidade de ler e escrever. Nesse sentido, Barbosa (2013, p. 21) reforça que a alfabetização:

É um fenômeno pedagógico, com a escola podendo atuar como agência de socialização desse processo, ela a alfabetização parece ser um projeto político, fundamentalmente um fenômeno social e cultural, uma gigantesca onda de nesta aculturação promovida por sociedades que optam depois do Século XIX, pela modernização social, superando a fronteiras limitadas das sociedades de tradição oral.

Portanto, são nas séries iniciais que a leitura e a escrita ganham formas, sentidos, interações, desde que haja no seio escolar abertura para implementações de projetos, de leituras sistematizadas, planejadas com vista a transposição dos limites físicos de sala de aula com o novo, o mais moderno, que venha atender aos anseios de todos envolvidos neste percurso.

Neste percurso, a leitura deverá ganhar forma, assim como a escrita. Nesse sentido, Kock & Elias (2009, p. 12) reforça sobre leitura:

Fundamentamo-nos, pois na concepção **sociocognitivo- interacional** da língua privilegia **os sujeitos e seus conhecimentos em processo de interação**. O lugar mesmo da interação – como já dissemos – é o texto cujo sentido “não está lá”, mas é construído, considerando-se, para tanto, “as sinalizações” textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor durante todo o processo de leitura, deve assumir uma atitude “responsiva ativa”. (Negrito do autor).

De acordo com a autoras, o processo da leitura vai além do texto impresso, do gênero, da tipologia linguística, mas, principalmente de enunciação, do diálogo, partir de vozes. E é a partir deste pensar que faremos menção ao projeto de leitura que foi realizado na escola já mencionado no escopo teórico. Para a descrição e a exposição dele que dividimos nos seguintes itens, a saber:a experiência educativa, atividades propostas, recursos utilizados, relevância, as dificuldades.

**2.1 A experiência educativa**

O Projeto de leitura e de escrita foi desenvolvido, a partir do diagnóstico do nível de aprendizagens dos alunos em tanto de leitura como em escrita das séries: 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal “7 de Setembro”, da cidade de São Francisco do Oeste-RN. Esse projeto teve como objetivos:Sensibilizar a família e a comunidade escolar sobre a importância do projeto de leitura, para o desenvolvimento da capacidade leitora e escritora dos alunos; estimular os educandos para leitura de forma lúdica, realizando assim atividades de leitura, oralidade e escrita e, assim, como desenvolver o senso crítico e a criatividade; desenvolver no educando a linguagem oral, a linguagem escrita, a leitura e a produção de textos, fazendo uma inter-relação de forma contextualizada e estimulando a criatividade dos discentes.

No desenvolvimento do Projeto, as atividades constituíram-se na formação de grupos produtivos, além da interação da comunidade escolar, relato de experiência, narração de histórias e encenações feitas pelos professores, reconto e dramatização de histórias lidas pelos alunos. Em seguida, estes foram levados à sala de leitura e à biblioteca municipal para leitura e consulta de livros. Muitos deles ficaram surpresos com a grande quantidade e variedade de do acervo de livros, pois muitos nunca tiveram a oportunidade de entrar em uma biblioteca equipada. Lá, fizeram uma apreciação de vídeos, de leitura compartilhada, individual, silenciosa, oral e dirigida.

Assim, os alunos ficaram encantados quando se depararam com os recursos tecnológicos utilizados, como: o Datashow e os computadores, pois para eles se tratavam de um elemento inovador, logo sairia, até mesmo, da rotina em sala de aula. Foram possíveis perceber que as atividades foram organizadas semanalmente. Ou seja, as aulas do projeto aconteciam nas quartas-feiras, entre os meses de julho a novembro, tendo duração de 33 semanas.

Para tanto, a duração da aula foi de duas horas e quarenta minutos, correspondendo a 3 aulas consecutivas. No final de cada aula, foi reservado um momento avaliativo, em que os alunos puderam expor todas as suas dúvidas e opiniões. Neste contexto didático, Barbosa (2013) reforça que “O valor do professor está relacionado à rapidez com que consegue fazer seus alunos aprenderem a oralizar a escrita”. Assim, se considerar, frequentemente, que esse resultado deva ser alcançado no máximo até o final de um 1º ano.

**2.2 Atividades propostas**

Foram desenvolvidas uma série de atividades que fizeram com que os alunos pudessem fazer uso de toda sua criatividade e raciocínio lógico. Logo, a prática da leitura e da escrita foram estimuladas por meio de diferentes atividades realizadas em salas de aula, como*: a formação de palavras com alfabeto móvel, jogos de sílaba, do escondidinho da letra inicial, bingo de letras e palavras, adedonha, complementação lacunados, caça palavras, reprodução de contos e fala de personagens, escrita de textos de memória, criação de uma nova versão para o final de histórias lidas, construção de uma outra moral para as fábulas, produção textual*, a partir de cenas, escritas de respostas para questionamentos interpretativos.

No desenvolvimento dessas atividades, observou-se o gosto e as preferências dos alunos, assim como aponta Souza (2004, p. 223) na citação:

O professor deve proporcionar várias atividades inovadoras, procurando conhecer os gostos de seus alunos e a partir daí, escolher um livro ou uma história que vá ao encontro das necessidades da criança, adaptando o seu vocabulário, despertando esse educando para o gosto, deixando se expressar.

Conforme autor, a leitura precisa ser incentivada, desafiada cotidianamente nas salas de aulas e as atividades e os problemas propostos *in loco* foram desafiadores e proveitosos para todos, uma vez que, o trabalho desenvolvido levou em consideração os níveis dos alunos, bem como as atividades foram diferenciadas para atender as necessidades de cada grupo, a partir de seus conhecimentos prévios.

Ainda dentro de raciocínio, Vygotsky (1988), afirma que “O ensino escolar não pode ser identificado como desenvolvimento, mas sua realização resulta no crescimento intelectual do aluno, logo podemos concluir que o bom ensino é aquele que adianta os processos de desenvolvimento” Soma-se a isso, os ensinamentos de Paulo Freire (1889), ao reforçar que “Alfabetização demanda esforços no sentido de compreensão da palavra escrita, da linguagem, das relações do contexto de quem fala, ler e escreve, a relação entre cultura de mundo e leitura de palavra”.

Portanto, é uma tarefa complexa, ampla, que exige dos sujeitos atitudes, hábitos prazerosos, audaciosos e inovadores, de maneira que se possa mudar a cara do ensino não só no local campo de estudo, mas em muitos outros.

**2.3 Recursos utilizados**

O Projeto utilizou os seguintes recursos: livros literários, acervos complementares, fantoches, teatro, Datashow, televisão, aparelho de som, cenários envolvendo diversos outros objetos, figurinos, cópias de texto, caderno, lápis, lápis de cor, jogos, pinceis, dicionários papel pardo, papel ofício, revistas, jornais, microfone, recursos didáticos da própria sala de aula, como também recursos humanos, que muitos contribuíram para a realização das atividades propostas. Nesse sentido, Segundo Barbosa afirma que:

Antes de obrigar a criança observar, analisar ou escrever silabas, palavras ou frases é indispensável que a escola lhe proporcione oportunidades de utilizar a escrita em contextos significativos, que estabeleça uma estreita familiarização com todos os suportes materiais da escrita como: livros, jornais, prospectos, cartazes e etc, que permita a criança observar, explorar, questionar, experimentar os vários usos da escrita no mundo em que vive, que promova ao mesmo tempo, a leitura constante de histórias infantis, álbuns ilustrados, revistas em quadrinhos etc. (BARBOSA, 2003, p.34).

Todos esses recursos foram utilizados na sala de aula ao longo do desenvolvimento do projeto. Para ZILBERMAN (2003), é “Um espaço privilegiado para o desenvolvimento pela leitura (...), por isso o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança”. Consequentemente, tal atenção foi estimulada e estenderam-se as discussões sobre os conteúdos e as práticas pedagógicas relacionadas à educação, com o objetivo de amenizar a problemática da língua escrita no período da infância.

**III RESULTADOS**

A relevância/resultados dessa experiência foi estimular o prazer pela leitura e escrita de diversas fontes, melhorando assim o desempenho escolar. Esse Projeto teve como referência concepções de autores renomados como Paulo Freire, que retrata em A importância do ato de ler; Magda Soares, sobre Alfabetização e Letramento, Isabel Solé, Brandão e Rosa, sobre Estratégias de leitura; Emília Ferreiro, Telma Vaz e Ana Teberosk, sobre Psicogênese da língua escrita.

Assim sendo, todas as atividades foram feitas de forma processual, atendendo assim ao que diz as sequências didáticas na fala de Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004, p.82), consoantes tais autores, “Uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Que é fundamental para comunicação e interação no mundo moderno.

Ainda nesse pensar discursivo, o planejamento elaborado deu ênfase às necessidades de aprendizagem dos alunos, uma vez que este atendeu às especificidades dos discentes. De acordo com Vygotsky (1988), “A escola não pode ser vista isolada da sociedade, pois o sistema de ensino reflete sempre a sociedade na qual está inserido”. É neste momento que a ação pedagógica alcança seu maior grau de desempenho, fazendo com que o aluno exercite através de estímulos a atenção, a memória e o pensamento lógico crítico.

Nesse sentido, o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores PROFA (2001) e Parâmetros Curriculares Nacionais PCN, (1999), sugerem atividades a serem ministradas na escola, com trabalhos coletivos, proporcionando as crianças, identificarem seus próprios erros. Cabe ao profissional da educação proporcionar aos seus alunos oportunidade para que o conhecimento vá para a vida e aconteça realmente.

**3.1. As dificuldades**

As dificuldades apresentadas no início do projeto sobre a prática da leitura e da escrita por parte dos alunos, ainda é, uma realidade na escola. Foi relatado dificuldades do aluno como o tempo para estudar, a organização de atividades adequadas para cada nível, a seleção de materiais, a disponibilidade do pessoal para apresentação dos momentos contação de histórias e das disciplinas dos alunos.

Porém, houve avanços significativos no processo de leitura e da escrita de muitos alunos, que aprenderam a ler e a escrever durante o trabalho desenvolvido. A atividade rendeu muitas discussões entre os alunos, inclusive, levantamentos de questões atuais. Eles ficaram bem à vontade para socializar as opiniões, visto que faziam parte do seu grupo de convívio.

Na concepção de Vygotsky e colaboradores (2000), o desenvolvimento da linguagem nas crianças tem influência natural em três conclusões fundamentais práticas, sendo esta o ensino de escrita, onde as crianças são capazes de descobrir a função simbólica da escrita e que o resultado deste conhecimento é parte possível as crianças pré-escolares, e, por terceiro caso, é que a partir de interpretações de estudos relacionados à criança, a mesma assimila mais, facilmente, quando a escrita é ensinada naturalmente.

Dessa forma, salienta que os aspectos motores demonstrados por Montessori podem ser associados ao brinquedo infantil e ao exercício da escrita, seria mais proveitoso se cultivado em vez de “imposto”. Neste entender, Vygotsky (1993, p.198) menciona que “A emoção e o sentimento são fatores determinantes no desenvolvimento cognitivo, assim, podemos afirmar que os fatores emocionais interferem no processo ensino-aprendizagem”. Assim como outros percalços, que, por ventura, possam ocorrer conforme ele afirma:

As dificuldades de aprendizagem da escrita ou disgrafias poderiam ser conceitualizadas nos seguintes termos: trata-se de casos que, sem nenhuma razão aparente, manifestam-se dificuldades na aprendizagem da escrita no contexto de uma inteligência normal, bom ambiente familiar e socioeconômico, escolarização correta, normalidade na percepção e na motricidade, e suspeita-se que o déficit esteja em alguma disfunção na área da linguagem. Além disso, as áreas não linguísticas funcionam adequadamente, como, por exemplo, em raciocínio e cálculo numérico. Igualmente é comum observar as dificuldades de aprendizagem da escrita associadas às da leitura, daí que, às vezes, se fala de dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita ou de dislexias-disgrafias, ainda que, de alguma forma, se dê dissociação.

Portanto, a escrita não limita, apenas, ao ato gráfico de transcrição das letras, significantes, pois, em muitas situações especificas de aprendizagem, referente tanto a aspectos internos quantos externos, dentre alguns podemos citar: uma base familiar, a concentração, a motivação, a disfunção, escolarização correta, dentre tantos outros fatores, que somado à prática pedagógica podem interferir e explicarem o déficit educativo, bem como o próprio desempenho em leitura e a escrita dos docentes em estudo.

**IV CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A alfabetização é condição essencial para o desenvolvimento da leitura e da escrita por parte do aluno, como vista à compreensão do mundo em que habita. De acordo com este pensar, acreditamos, lutamos e continuaremos tentando mudar o perfil do aluno através de um ensino via às práticas inclusivas de letramento linguístico.

Assim sendo, foi notável, isto é, possível perceber que cada aluno in *loco* em estudo tem o jeito próprio e o tempo para aprender. Inicialmente, houve muitas dificuldades em relação à motivação e à dedicação para fazerem as atividades de leitura e de escrita, notadamente para seguir as etapas, a saber: o tempo, a organização de atividades adequadas para cada nível de ensino, a seleção de materiais, a disponibilidade do pessoal para apresentação nos momentos contação de histórias e as indisciplinas dos alunos.

Fora a isso, não se pode esquecer o despreparo da família para ajudar o trabalho da escola no que tange ao ensino da leitura e escrita, haja vista esta não ajudar como deveria ser, porém muitas não têm limites para com seus filhos, o que dificulta o trabalho docente, ainda assim é possível fazer algo para que prendam atenção delas em muitas atividades didáticas, como o projeto realizado na instância escolar.

Enfim, vale salientar que percebemos, durante observação e aplicação deste Projeto, que os objetivos deste foram alcançados parcialmente, pois por mais que venha a ser perfeito o planejamento, haverá sempre algo a planejar, a refazer com vista à superação das metas pretendidas, haja vista que cada aluno é único e todos eles têm habilidades diferenciadas, isto é, especificidades. Eis que é, absolutamente, normal que nem todos consigam atingir as metas auferidas no mesmo tempo.

Dessa forma, recomenda-se que cada educador procure diagnosticar o nível de aprendizagem dos educandos para oferecer desafios que eles possam desenvolver as suas habilidades, a partir do que eles já conhecem e assim garantir os seus direitos de aprendizagem.

Portanto, que as políticas de leitura e escrita, ainda, não são as melhores no país, estado, municípios, pelo menos, estamos buscando alternativas para transpor os métodos arcaicos de leitura e escrita, principalmente referentes à enunciação, texto, discurso, pautado em novos liames sociais, contextuais que inferem à tomada de posição do professor visando a melhoria do processo ensino aprendizagem, e, assim, romper a pedagogia da transcrição e mecanização da leitura e a escrita.

**V REFERÊNCIAS**

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 3 ed – São Paulo: Cortez 2003.

COLOMER, Teresa; CAMPOS, Ana. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23º Ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GARCÍA, Jesús- Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem**: linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artmed, 1998.

KOCK & ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LIBÂNEO, J.C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério 2º grau. Série Formação do Professor).

MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Cristina. **Introdução à linguística:** fundamentos epistemológicos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Marcelo. **A SEQUÊNCIA DIDÁTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA** (Revista Eletrônica da faculdade José Augusto Vieira, v7, n5, agosto, 2014: p. 108).

SCHNEUWLY, Bernard. DOLZ, Joaquim. NOVERRAZ, Michele. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: \_\_\_\_\_. **Gêneros orais e escritos na escola.** São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 81 – 108.

SOLÉ, Isabel. **Leitura, um objeto de conhecimento**. (Revista Nova Escola, abril, 2009, agosto: p. 92).

SOUZA, Renata Junqueira de. **Leitura do professor, leitura do aluno:** processos de formação continuada. UNESP – Presidente Prudente Disponível em: <http:// >. Acesso em: 26/11/2017.

SAUSSURE, Fernando. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix. 1996.

VYGOTSKY, L**. El desarrollo de los processos psicológicos superiores**. Barcelona: Crítica, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. Ed. São Paulo: Global, 2003.